

O original deste texto está sujeito às regras gerais do Direito de Autor. Por favor descarregue e partilhe mas qualquer tipo de utilização está sujeito à autorização do respectivo autor, Gregory Motton. Em caso de autorização do autor original por favor utilize gratuitamente, para fins não comerciais e devidamente creditada, a tradução portuguesa da autoria de Carlos Costa.

Personagem : UM HOMEM

UM MONÓLOGO foi representado pela primeira vez em Grenoble, no Musée Dauphinois, em 30 de Setembro de 1998 com o seguinte elenco:

UM HOMEM, Patrick Zimmerman

Uma mesa e uma cadeira de madeira, sem ornamentos. UM HOMEM entra pela esquerda de cena com um tabuleiro com o seu pequeno-almoço. Veste calças escuras e uma camisa branca, amarelecida, apertada até cima, colete escuro e casaco escuro, sapatos pretos lisos e com atacadores. Poirento mas formal.

Senta-se na cadeira de frente para a plateia e do lado de lá da mesa.

Olha para o pequeno-almoço, levanta-se e sai pela direita de cena.

Regressa com uma chávena com café, num pires e sem colher...senta-se à mesa como antes.

Começa a comer muito devagar com uma faca e um garfo que tira do bolso interior.

Pára de comer, olha em frente, a cabeça ligeiramente para cima num ângulo que poderá ser de 45°.

HOMEM: Hmm, madrugada.

Olha para o relógio de pulso.

É cedo.

Continua a comer.

Olha para a frente. Mastiga um bocado de pão. Pára, ouve com atenção, sorri levemente.

O coro da madrugada. Uma variedade espantosa...(recomeça a comer)...para um único pássaro.

Pausa. Mastiga, engole.

Como é que ele consegue?

Sorri, apreciando o som.

Incrível! Que repertório!

Come.

Pausa.

Um grande barulho, alguém a deixar cair uma tábua.

Olha para fora pela direita de cena. Continua a comer.

Segundo grande barulho, a mesma coisa.

Olha para fora, pela direita de cena, ligeiramente irritado.

Continua a comer.

Terceiro grande barulho, a mesma coisa.

Pousa os talheres, levanta-se e sai calmamente pela direita de cena.

Ruído de uma conversa incompreensível fora de cena, do lado direito.

Regressa, recomeça a comer. Pára de comer...grita lá para fora pela direita de cena.

Vão espantar a merda do pássaro com essa barulheira!

Recomeça a comer.

E eles que se importam?

Continua a comer.

Arrastaram-me para aqui contra a minha vontade. Pensam que me enganam com este pequeno almoço grátis e a promessa de um cigarro, mas não.

Sei bem o que está para vir.

É um grande dia, pode-se fazer tudo o que se quiser. É uma tradiçõzinha.

Nunca tinha ouvido falar nisso.

Depois fiquei mesmo entusiasmado. Imaginei-me sentado às portas do paraíso com os meus amigos, ou melhor com os meus sócios, e bem - cá para mim era o êxtase. Já nos via a cantar cantigas e a escrever poemas, a trocar historiazinhas para passar o tempo e a partilhar pensamentos sobre isto e aquilo, enfim.

(Grita) Oh, por favor não! A sobremesa! A sobremesa!

Recuei horrorizado. Quem é que gritava uma coisa destas?

Primeiro decidi usar o tempo para fazer o meu protesto final.

Depois decidi não me dar ao trabalho.

Depois achei que devia escrever uns postais aos amigos e entes queridos, mas não.-

Depois percebi que os melhores momentos são aqueles em que não fazemos nada de especial. É o que todos sabemos fazer.- Alguns tentam parecer ocupados mas eu sei que estão só a gozar. Mais tarde vem o tempo em que quanto mais se faz menos se faz.

Na verdade lembro-me agora de um homem que apareceu na esquina da minha rua a gritar - "Alto, parem todos! Por favor parem! Quanto menos disto, melhor!" Foi extraordinário. As pessoas paravam mesmo; por uns segundos, para olhar para ele, e depois lá continuavam nas suas vidas. Infelizmente um rapaz mais espertalhão gritou-lhe também. - "Pare você!" E ele parou. Completamente. Foi como se se tivesse transformado em pedra. Tiveram que chamar os serviços camarários para o remover. Meteram-no num camião como se fosse uma estátua de um tirano deposto. Realmente respirava-se melhor depois de ele desaparecer. Bem, que raio de ideia!

Mas eu cá não serei como ele, nem pensar. Não, aliás eu tenho uma coisa preparada. Era suposto ser uma canção mas quem é que consegue criar um ritmo com eles todos borrados de medo. As minhas mãos, como podem ver, ainda estão a tremer. Quer dizer, estão a ver o que é ter todos os olhos do mundo em cima de nós numa ocasião destas. Numa ocasião tão *importante*.

"Numa ocasião tão fantástica e excitante!" - disse-me mesmo alguém. Mas eu ignorei a observação porque essa pessoa era louca.

Portanto isto chama-se "Canção para as Portas do Paraíso". Ao princípio pensei que a cantaríamos todos juntos mas não apareceu mais ninguém, o que não é nada de admirar. Portanto o melhor é tentarem usar a vossa imaginação, pelo amor de Deus, senão isto vai correr mesmo muito mal.

"A vós que estais no inferno, possa o meu coração estar em mim na casa do meu coração e permanecer em mim, - Recusarei os bolos do mundo de oriente e de ocidente e do Lago das flores - e no meu barco que para cima navega, e para baixo navega, contigo, sempre contigo. - A minha boca, falarei com ela; as minhas duas pernas, andarei com elas - abri-me pois a porta! Com as tuas duas garras afiadas e os teus dois olhos cegos e os meus pés amarrados e as minhas pernas andando sozinhas - O meu coração tomando o meu coração, as minhas mãos tomando as minhas mãos, e as minhas duas pernas andando sozinhas, - o que mais te agrada, pois sou um prisioneiro junto às tuas portas, o meu coração que agora vive - És apenas o meu duplo que enche de força os meus membros. Não envergonhes o meu nome nem me leves a alma, pois eu surgi por entre as cheias, a primeira cheia e a segunda cheia, e as águas abriram-se para mim e fui de abraço com os grandes e poderosos enquanto eles se afastavam dançando para além do horizonte e ondulei as ancas, e corri para cima e para baixo ao longo das margens do imundo canal até à eternidade. Não deixes

que me consuma como aquele que foi destruído no seu momento de força. Deixa que todas as coisas inertes passem a existir - Não serei levado a celebrar loucos e demónios."

Então? Não finjam que não estão surpreendidos. Até eu fiquei surpreendido.

Coragem e cara alegre, foi este o conselho. Mas sinto-me invadido por um sentimento de perda. Enquanto o tempo que me resta, ainda que curto, se estende para diante como uma planície vazia. A corda, que todos enfrentamos no fim, chama-me como num sonho, rejubilo, anseio por ela.

Não é que eu não ame as coisas deste mundo, mas os prazeres estão todos tão esgotados. Não vejo a hora de poder engrossar as fileiras dos mortos no seu tempo morto, para revisitar, à minha vontade, todos os momentos passados que alguma vez houve.

É claro que há muito mais gente morta do que viva.

Pausa.

Se bem que, por outro lado, dizem que a diferença está a diminuir. Brevemente haverá mais gente viva do que morta.

Que dia triste esse vai ser.

É claro que vão dizer que eu não percebi o que estava em causa. (*Pausa.*) Mas isso é, antes de mais, partir do princípio que estava alguma coisa em causa.

Pausa.

Quando não estava.

Pausa.

Um monte de tretas.

Pausa.

Punhetices.

Pausa.

E se estava alguma coisa em causa, é bom que se diga que eu fico muito contente por nem sequer ter percebido.

Olha para o prato e fica surpreendido por estar quase a acabar.

Oh, estou quase a acabar!

Isto escorregou muito bem.

Nenhuma dificuldade a engolir.

Pausa.

Nunca tive nenhuma dificuldade a engolir.

Pausa.

Eu engolia quase tudo. A minha mãe dizia: "Não engulas tudo" e eu prometia que não. Mas engoli. Na verdade eu engoli mais do que qualquer pessoa. Na minha geração não havia ninguém tão empenhado em participar como eu. Quando era pequeno lembro-me de pensar: "Eles vão mesmo gostar de mim!".

Pausa.

Mas não, enganei-me.

Pausa.

Ainda eu mal tinha crescido e já a sociedade se tinha rebelado contra si própria.

Pausa.

E eram todos tão vulgares. Tudo o que faziam era vulgar. E assim continua. Olhem para vocês, é o que eu digo, olhem para vocês.

Pausa

E ainda têm a lata de me chamar rebelde.

Pausa.

Rebelde o caralho!

Sai pela esquerda de cena.

Regressa com um jornal. Inclina-se ligeiramente para trás na cadeira, que afasta da mesa. Cruza as pernas. Folheia o jornal a um ritmo moderado, depois acelera um bocado, folheia para trás e para a frente, depois amarrota-o um pouco e atira-o para o chão.

Que disparate!

Pausa.

Argh

No fim retirei-me enojado.

Não.

Derrotado.

...para uma casa grande e cheia de velas, uma pequena conquista pessoal.

Pausa. Olha para o prato.

Entretanto em África, a Fome.

Entretanto em Portugal, uma geração inteira que nem sequer consegue ler o horóscopo. "O que é que quer dizer insignificante?" perguntou ela. Foi a gota de água. Insignificante. Milhões de almas, santos e pecadores, às voltas no túmulo. Coitados!

Sente um arrepio, levanta-se e sai pela esquerda de cena.

Regressa com um casaco verde de algodão. Aconchega-o para se sentir quente.

"Quando um homem morre", perguntei ao meu amigo, "como é que ele já não está, de modo algum, ainda vivo, mas sim desfaleceu completamente deste mundo, não obstante antes ter sido tanto deste mundo?"

"É assim em virtude da sua extinção", respondeu ele.

"Como é", perguntei novamente, "que os seus projectos e esperanças morrem juntamente com ele, de tal forma que ele já nada pode fazer para os completar, e em vez disso eles desaparecem lentamente e são ultrapassados pelo tempo?"

"É essa mesma extinção a seguir o seu caminho", respondeu ele.

"Como é", perguntei novamente, "que ele apenas pode esperar humilhação e fracasso enquanto que a vitalidade e o sucesso pertencem apenas aos vivos?"

"Esse é o contraste," respondeu ele, "entre vivos e mortos. Não reparas nas extraordinárias esperanças e crenças cultivadas pelos vivos enquanto que os mortos são caracterizados pela falta delas?"

"Mas porque é," perguntei eu, "que os vivos recebem convites aqui e ali, oportunidades e encorajamentos, independentemente do seu mérito, enquanto que os mortos já nem sequer estão na corrida?"

"Isso é porque eles já não estão no campeonato."

"Mas porque é," insisti eu, " que o livro que o homem morto deixou aberto é fechado e guardado, porque é que o conteúdo do seu frigorífico é deitado fora como se estivesse contaminado e a sua colecção de pregos e parafusos e bocadinhos de arame é deixada ali a apanhar pó durante algum tempo e depois deitada fora como se nunca ninguém pudesse precisar deles?"

"Porque esse é o património do homem morto e ele faleceu."

"Mas então cada homem," perguntei eu, "não se sentirá sozinho e tonto no seu túmulo e não chorará o facto de a mobília da sua vida ser apenas paus e trapos agora que a sua respiração e o arrastar dos seus membros já lá não estão para persuadir o mundo a dar-lhes lugar. Será que ele não se sente envergonhado como uma criança enganada a quem mandam para a cama e que ouve a conversa a ser reatada assim que abandona a sala fumarenta?"

"Até um triste tem o seu dia de sorte" ripostou-me ele com esta.

"Mas estes homens vivos," digo eu, "são tão descuidados, esta vida que eles vivem é só destruição. Porque é que, entre eles, deitaram tudo abaixo, estraçalharam a beleza e dilaceraram tanto a grandeza como a simplicidade."

"Mas também não foram eles," retorquiu, "que construíram tudo? "
Mas eu fui mais esperto do que ele:

"Não, foram os homens mortos que fizeram isso! Fazem-me pena, adormecidos nas sepulturas, autorizados a repousar um século ou dois até que os vivos cheguem para destruir as suas lápides e arrancar os seus pobres ossos à terra. Só de pensar nisto fico com vontade de me ir deitar ao lado duma sepultura e de dormir com eles."

"Tenho mais uma coisa a dizer acerca dos mortos", acrescentei eu.

"O quê?"

"Gosto mais deles," declarei.

"Gostas? E porquê?"

"Porque não estão aqui. Não me ofendem com o seu imparável sucesso como fazem os vivos. As suas mentiras já foram reveladas há muito, de facto, os nossos actuais cavalheiros não param de se gabar da chacota que deles fazem, mas eu anseio pelo dia em que esse riso frívolo será excedido pelo vendaval do ridículo que os nossos futuros juizes têm reservado para nós."

E por falar nisso...(Olha para o relógio.)

Sai pela esquerda de cena, regressa com um televisor que pousa no chão, em frente à sua cadeira, de maneira a que o público não veja o ecrã. Senta-se e vê.

Sorri indulgentemente.

Sorri divertido.

Ri discretamente divertido.

Ri discretamente, indulgentemente.

Sorri, levanta o olhar para o tecto como que para dizer "ainda assim que tolice".

Levanta novamente o olhar para o tecto como que para dizer "não, isto está a tornar-se demasiadamente estúpido."

Deixa cair o queixo e franze o sobrolho como que para dizer "não, isto é mesmo muito mau".

Eu não aguento este disparate!!

Pausa, vê mais um bocado. Franze, relaxa. Franze outra vez.

Parem com isso! Parem de me gritar! Porra!

Levanta-se num ápice e desliga a televisão.

Anda para cima e para baixo incomodado e agitado.

Senta-se calmamente.

Eu não podia ter acreditado que fosse possível.

Ninguém podia..

Ninguém podia ter imaginado.

Mas aí está.

A infância foi uma invenção infeliz. Agora toda a gente quer um bocado, é geral. Agora temos que andar e falar e pensar exactamente como crianças.

Não se podia ter pensado que era possível mas aí está.

O Venerável Beda não podia ter pensado que era possível mas aí está.

Mais uma tábua é deixada cair, a seguir um martelo e uma caixa de pregos.

Olha para a direita de cena e depois outra vez em frente.

"Ainda assim, não te preocupes," disse ele "nada muda" assumindo aquilo que eu acho que se designa de Atitude Filosófica-

Começam a serrar, lá fora, na direita de cena.

-independentemente dos factos.

Olha para o relógio.

Faltam mais ou menos doze minutos.

Mas nem toda a gente está de acordo. Nem toda a gente. Conheço vários que não estão de acordo - inadaptados, falhados e loucos - na realidade a minha família e amigos.

Eu sinceramente devia rezar. A oração é uma solução perfeitamente possível - só que nunca vai pegar. Quantos, de entre os sete mil milhões, serão dignos de elevar um coração simples ao seu Deus?

Mas também não vou ser eu a julgá-los.

Sonhei que falava com Deus.

"A morte é definitiva?" perguntei eu. E Ele respondeu:

"Sabes quando conheces uma pessoa num comboio, aquelas pessoas que se conhecem nos comboios, sabes como é que de alguma maneira não consegues imaginar que elas existam fora do comboio, ainda que elas costumem passar a viagem inteira a falar dessa outra existência? Pronto, foi exactamente o que se passou Comigo quando vos criei a todos. Simplesmente, nunca vos consegui imaginar a terem uma existência para lá dos limites da morte, (ainda que vocês passem a viagem inteira a falar disso.) portanto não vos dei nenhuma."

"Isso é verdade?", perguntei, pálido. "Estás a dizer que não há mesmo vida nenhuma depois da morte?"

"Não fiques tão assustado," disse Deus, "Também não havia Vida antes do nascimento e isso não te impediu de nascer" o que eu achei que era uma coisa enigmática de se dizer. Ele concerteza queria dizer *alguma coisa* com isto.

Bem, é agora chegado o momento de dizer o que sou. Tenho sido muita coisa e espero continuar a ser se Nosso Senhor quiser. Mas para vocês, meus irmãos e irmãs... eu sou a grande oportunidade, a recordação, o não num mundo que diz sim. Será verdade, perguntam-se vocês. que eu conheço tudo o que se passa neste planeta, que eu vejo tudo e ouço tudo. Sim. E tudo o que já existiu e um dia existirá. Nada receiem, nada de mal vos poderá acontecer porque somos todos parte da mesma...
...da mesma?

Som de uma tábuca que é deixada cair, lá fora, na direita de cena.

...da mesma Coisa.

Ah Deus seja louvado por isso.

Isso quer dizer que não vai haver mais cancro? perguntam vocês.

Eu não iria tão longe ao ponto de dizer isso, não.

Cancro na garganta.

Oh!

Esta imaginação nojenta.

Isto não adianta. Que mau começo!

Falo em começar mas eu sei e vocês sabem que estamos próximos do fim.

Olha para o relógio.

"Um novo amanhã, um novo hoje."

O que eu normalmente lhes digo é:-

"Vocês pensam que aboliram a História, e se calhar aboliram, mas ela vai voltar e aí será o fim de vocês todos, podem arrancá-la dos vossos livros, podem demolir todas as construções, matar todas as raças, calar todas as línguas, cobrir todo o litoral de betão, e abandonar o interior, mas ela vai voltar rastejando pelas vossas costas acima nos vossos quartos vazios, brancos, e luminosos e pousar a sua reconfortante mão negra nas vossas gargantas..."

"Assim não admira que nem sequer vos deixem aproximar dos comandos. Vocês querem espetar o autocarro contra a parede!"

"Meus amigos, vocês não estão num autocarro, vocês estão numa morgue, mas eles já não podem mais suportar os custos de uma morgue porque é um desperdício, e quando houver uma maneira mais barata de fazer o serviço, ela *vai* ser usada, tem de ser usada, por razões de higiene e preservação. Vocês estão no pulverizador e a vossa carne picada está prestes a ser dada às ovelhas."

Isto normalmente chega e sobra.

Não é que eu queira deprimir alguém. Longe disso.

(Grita para fora pela esquerda de cena) Alguém me pôs açúcar na merda do café!

...Mas - houve sons mais belos do que estes que ouço agora, e há vistas mais belas do que as vistas que vejo agora.

O pó foi varrido para nunca mais voltar.

Daí o meu ressentimento.

Olha para fora pela direita de cena.

Esta celebração interminável. Vai ser a minha morte.

